

RESENHA

**Luta pela educação e educação pela luta: resenha de
*Construindo uma pedagogia sem teto***Arthur Harder Reis¹  

O livro *Construindo uma pedagogia sem teto* é um verdadeiro respiro no meio de tantas ofensivas da extrema-direita e do capital nos últimos anos - como a Escola Sem Partido, “Future-se”, invasão do vocabulário empresarial nas discussões pedagógicas, discussões sobre a privatização de escolas paulistas, etc. (Cássio, 2019; Laval, 2019) - àqueles que defendem uma educação preocupada com a transformação social. Assim, a publicação organizada por Marco Morgado, Beatriz Nowicki, Maria Helena Braga e Rafael Palomino² é necessária para visualizarmos também conquistas, avanços e, de certa forma, tomar inspiração na percepção de projetos de educação (e sociedade) que se distanciam daqueles que hoje parecem inescapáveis.

A obra em questão caminha em direção oposta a esse trágico contexto de ataques à educação. Inspirada por valores como solidariedade, coletividade, comunidade e criticidade, os capítulos do livro dão conta de experiências diversas levadas a cabo pelo Setor de Educação do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) em São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco. Os relatos de experiências ali descritos convergem para efetivar uma das importantes contribuições da pedagogia dos movimentos sociais e da educação popular nos últimos anos, qual seja, a recuperação das dimensões político-éticas-formativas que tocam a “formação de sujeitos éticos, do público, da moralidade. Dimensões tão presentes nos velhos ideários pedagógicos. Tão esquecidos nos modernos ideários” (Arroyo, 2003, p. 42). É Guilherme Boulos, responsável pelo prefácio do livro, quem sintetiza os princípios que informam as ações de educação popular e das práticas pedagógicas do MTST:

É na luta, afinal, que toda reflexão sobre a liberdade, a autonomia, a emancipação humana ganha qualquer sentido possível; fora dela, é discurso vazio, jogo de palavras, quebra-cabeça intelectual, o que for, menos a reflexão genuína e consequente que, por sê-lo, traduz-se em práxis. Mas é também apenas na reflexão crítica ensejada pela luta que ela própria, a luta, se realiza de forma plena. [...] Nem agir por agir, num tarefismo voluntarista que não é muito mais que prestar serviços esvaziados de sentido político; nem um exercício diletante de reflexão desinteressada, que não é busca verdadeira da realização do potencial humano dos educandos. (p. 7)³.

¹ Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos/SP – Brasil.

² Tanto os organizadores (4) quanto os autores dos capítulos (22) apresentam formações acadêmicas e atuações profissionais distintas entre si. Alguns não chegam a propriamente ser do campo da educação. O elo em comum, porém, está na atuação no Setor de Educação do MTST.

³ Quando a citação for do livro ora resenhado mencionaremos apenas a página.

É desta união entre reflexão teórica e fazer concreto que surgem os sete capítulos que compõem a obra. Sua importância reside não apenas na colaboração óbvia para o campo da educação popular (e particularmente no trabalho do conceito de “pedagogia sem teto”), mas também na (re)afirmação da educação como possibilidade e meio de construção de um projeto de sociedade alternativo, distante do individualismo, da competição e da alienação próprias da sociabilidade neoliberal (Dardot; Laval, 2016). Isso tudo no seio do maior movimento de luta por moradia da América Latina, o MTST (Simões; Campos; Rafael, 2017). Embora criado em 1997 tendo por foco a luta pelo direito à moradia, garantido pela Constituição Federal de 1988, mas não cumprido pelo Estado, o movimento não se resume a essa pauta (Boulos, 2015). Em diferentes capítulos, há o entendimento de que a luta por moradia, bandeira central do movimento, muitas vezes perpassa também a luta pelo direito à cidade, contra a degradação do meio ambiente, pelo direito à educação e saúde em regiões periféricas das grandes metrópoles e outros mais. É deste ponto de vista que surge o Setor de Educação do MTST⁴ e seu compromisso com a construção de uma educação popular.

Visão essa – da totalidade da existência humana e do conjunto dos vários direitos que conformam uma vida digna e que precisam ser conquistados por meio da luta – que irá influenciar a “pedagogia sem-teto” na medida em que os educandos são vistos para além da sua dimensão de “aluno”. São entendidos como “sujeitos de processos sociais, culturais, educativos mais totalizantes, onde todos estão imersos seja na tensa reprodução de suas existências tão precárias, seja na tensa inserção em lutas tão arriscadas onde tudo está em jogo” (Arroyo, 2003, p. 37).

Em outras palavras, é dizer que parte essencial da “pedagogia sem-teto”, no interior do MTST, é a compreensão de que seus educandos não podem ser vistos apenas como “estudantes”, trata-se de compreendê-los em todas as suas dimensões constitutivas e indissociáveis, como “estudante/sem-teto/periférico/pobre/etc”. Não se trata de mera carta de intenções, pelo contrário: sem isso, o fazer pedagógico nas ações do MTST é esvaziado de sentido e finalidade.

Nesse sentido, o primeiro capítulo, intitulado “A práxis da pedagogia sem teto”, pretende refletir sobre o papel do Setor de Educação em um movimento que luta por moradia, ao mesmo tempo em que descortina os princípios políticos, teóricos e educacionais que norteiam as ações levadas a cabo pelos militantes. A construção do conceito de “pedagogia sem teto”, ainda que embrionária, nos revela uma forma de educação que

concebe a educação popular como um processo ativo de construção pessoal e social de conhecimentos, orientado ao desenvolvimento integral e à emancipação dos sujeitos das estruturas políticas, ideológicas e socioeconômicas que reproduzem e acentuam as desigualdades sociais e o sofrimento psíquico. Consiste, pois, em uma prática de

⁴ Este entendimento se acentua, como notamos em várias descrições acerca da criação de diferentes ações educacionais no MTST, a partir da pandemia de COVID-19. Naquele momento, as lacunas educacionais dos moradores das ocupações do movimento ou das famílias atendidas pelas Cozinhas Solidárias do MTST recrudesceram ainda mais. Surgiu o entendimento de que se fazia necessário desenvolver atividades dessa natureza - inclusive, muitas vezes partiram de pedidos das famílias dos territórios de atuação do movimento.

transformação pessoal e social que posiciona os educandos como sujeitos ativos do processo de ensino-aprendizagem. (p. 24).

Trata-se, então, de uma visão construtivista e crítica do fazer educacional. Parte, portanto, da concepção de que os sujeitos são parte ativa na construção dos seus saberes e conhecimentos, ao mesmo tempo em que “não se restringe a reconhecer e fomentar o papel ativo dos educandos na construção de saberes” (p. 26). A pedagogia sem-teto também “se orienta fundamentalmente à transformação social, inscreve a luta política por uma sociedade mais justa e solidária no coração de seus objetivos políticos-pedagógicos” (p. 26). Assim, as atividades desenvolvidas preocupam-se em alinhar conteúdos e metodologias com essa perspectiva construtivista-crítica. As práticas pedagógicas estão orientadas para a adoção de conteúdos que privilegiam temas sociais – muitas vezes vivenciados pelos educandos –, bem como as metodologias propostas colocam as crianças, jovens ou adultos como agentes centrais das atividades.

Essa perspectiva desenvolvida no capítulo 1, de ordem mais teórica, irá se desdobrar nos demais textos do livro. Mais do que uma visão de *levar* o saber *para* os educandos das atividades do MTST, se pretende *construir* o saber *com* os jovens e adultos periféricos, aspecto constituinte da pedagogia sem-teto.

Nessa trilha de pensamento, o capítulo 2, “Cozinhas com o que se têm, alimentar e ir além”, discute as experiências do Setor de Educação na Cozinha Solidária da Brasilândia, Zona Norte de São Paulo. A partir de uma demanda vinda das famílias do território acerca da necessidade de reforço escolar, as primeiras atividades foram realizadas. No percurso, porém, o leque das ações se ampliou. A atenção dos militantes e educadores levou ao desenvolvimento de ações que buscassem a formação integral daquelas crianças e jovens – de idades muito variadas. No texto, apresentam relatos de experiências das atividades postas em prática, desde oficinas sobre alimentação saudável até o cuidado com o ambiente e o destino do lixo no local onde residem, a todo instante promovendo intervenções diretas no território. Partem de uma “perspectiva construtivista e integral” em que “não se pode perder de vista que crianças e adultos criam relações e se desenvolvem a partir de todas as suas dimensões (física, intelectual, social, cultural e emocional), e que o aprendizado acontece em situações significativas” (p. 55). Outra face da pedagogia sem-teto, então, surge: a atenção à formação integral dos sujeitos.

Em “Pedagogia sem teto nas comunidades e periferias de São Paulo”, terceiro capítulo do livro, há a reflexão em torno da necessidade do “estar com” as crianças e adultos das ocupações e periferias em que o MTST atua. Essa dimensão é central na pedagogia sem-teto. Os educadores e militantes não agem como emissários da libertação humana, incumbidos de levar conhecimento e a verdade aos educandos. Pelo contrário, nessa forma de pensar e fazer educação, o *estar com* é fundamental para a efetividade do projeto construtivista-crítico que norteia as ações desenvolvidas. Assim, “é importante para a educadora e para o educador popular se despir de suas certezas e de planejamentos rígidos, para, de verdade, ouvir o que as crianças trazem e trabalhar a partir daí. Saber priorizar suas necessidades e, muitas vezes, adiá-las ou repensá-las” (p. 74). Em resumo, a educação popular e a pedagogia sem-teto “se constroem a partir das histórias que

compartilhamos uns com os outros, para que possamos olhar para nossa história de forma crítica e significarmos o presente sob essa perspectiva” (p. 76). Não há desperdício das experiências vividas, nem das origens e posições no mundo dos envolvidos na prática educativa.

O capítulo seguinte, “Aprendendo a ocupar: a educação das crianças nas ocupações do MTST”, é o mais longo do livro. Dentre os diferentes aspectos que chamam atenção do texto, vale destacar aquele que muito particularmente se revela nas práticas de educação popular: a dificuldade de conceber como válidas outras formas de educação que não aquelas tipicamente escolares. Da parte dos pais, não raro há frustração com as atividades desenvolvidas, vistas muitas vezes mais como brincadeiras ou oficinas do que propriamente ações que vão melhorar o aprendizado dos filhos. Da parte das crianças e jovens, os educadores e militantes são vistos como professores (no sentido mais tradicional e engessado) e suas ações são analisadas a partir deste lugar. É com o tempo (e com muitas conversas) que pais e filhos percebem que existem, sim, outras formas de aprender e construir saberes. Destaco, portanto, a valiosa contribuição desde o ponto de vista pedagógico que práticas como essa ensejam para a ampliação das formas de conceber o processo ensino-aprendizagem em outras molduras e espaços que não os bancos escolares. A pedagogia sem-teto, ao promover atividades como jogo da memória com personagens históricas engajadas na transformação social ou a dramatização da Revolta de Canudos em paralelo com as ocupações do MTST no presente, contribuem para criar meios de apresentar aos educandos o conhecimento e as ações acumuladas historicamente pela humanidade, envolvendo os educandos ativamente no desenrolar das atividades e com a preocupação da sensibilização acerca dos problemas sociais.

No capítulo 5, vemos a atuação do movimento no estado do Rio de Janeiro⁵, a partir da Escolinha Formigueiro. Em “Entre panelas, risos e canetas: a escolinha formigueiro e o laboratório de poder popular no Rio de Janeiro”, há a reflexão sobre o desafio de articular em um mesmo espaço de atuação demandas escolares mais imediatas (como reforço) com os objetivos político-pedagógicos do movimento. A saída foi unir ambas as necessidades. No texto, três relatos de experiências são compartilhados, em que se une conhecimentos curriculares “aceitos pelas famílias” com reflexões sobre o direito à alimentação, por exemplo. Neste capítulo, é possível visualizar também um dos limites desse projeto de educação: em certos casos, há o desafio de não se deslocar muito dos conteúdos curriculares “exigidos” pelas famílias.

Do Rio de Janeiro vamos a Pernambuco. O capítulo 6 traz como título “Vou aprender a ler para ensinar meus camaradas: a pedagogia sem-teto na brigada e no setor de educação do MTST Pernambuco”. Profundamente inspirado nas ideias de Antonio Cândido, o capítulo preconiza que a educação deve abarcar também o direito à literatura. Esse é o ponto central da reflexão desenvolvida. Para efetivar esse direito, diferentes atividades vieram à superfície: contações de história, oficinas de literatura, construção de livros colaborativos, criação e manutenção de bibliotecas comunitárias; enfim, o direito à

⁵ Todos os textos anteriores deram-se a partir da região metropolitana de São Paulo.

literatura. Aqui, a pedagogia sem-teto, enquanto conjunto coeso de ações voltadas para a transformação social, ganha mais um sentido e definição:

a pedagogia sem-teto é feita dessa matéria, com o objetivo de construir novos futuros, a partir do pensamento crítico e do estímulo à imaginação, para que as crianças saibam que outros mundos, menos desiguais, mais coletivos e comunitários, já existiram, ainda existem e resistem. E eles são atores fundamentais nessa construção. (p. 155).

Nessa mesma direção aponta o capítulo 8, “Nas páginas da resistência: a potência do grupo de leitura nos espaços do MTST”. Concebendo a literatura como meio de humanização e forma de provocar os sujeitos a tomarem conta de sua história e existência, os grupos de leitura desenvolvidos nas ocupações do MTST em São Paulo, tal como em Pernambuco, tem por objetivo desvelar as várias camadas da vida humana, suas contradições, felicidades, desigualdades e possibilidades por meio das páginas dos livros. Particularmente, como retratado neste último capítulo, a leitura de Carolina Maria de Jesus (que guarda tantas semelhanças com diversos sem-teto!) foi o caminho encontrado para efetivar a literatura como meio de sensibilização.

No capítulo 7 temos a reflexão em torno dos cursinhos populares do MTST: “Cursinho popular do MTST. Sua breve história e interpretação”. Ali, fica ainda mais evidente a frase que dá título à essa resenha. Ao mesmo tempo há a luta pela educação (o acesso ao ensino superior) ao mesmo tempo em que se desenvolve uma educação pela luta (na construção de um cursinho popular horizontal e cooperativo).

Por fim, após a apresentação de cada capítulo, vê-se que o livro apresenta um conjunto de experiências educativas que se dá no seio da luta por direitos fundamentais à vida humana, como moradia, alimentação e educação. Nessas experiências despontam algumas características importantes do que o livro aventa ser uma “pedagogia sem teto”, como: a integralidade dos educandos (capítulo 2), o *estar-com* ao invés de *levar a consciência*” (capítulo 3), a diversidade de práticas pedagógicas (capítulo 4), a importância de reconhecer as necessidades locais (capítulo 5), o direito à literatura como meio de humanização (capítulos 6 e 8) e, por fim, a própria luta pela educação formal para os que dela são excluídos (capítulo 7).

Conformam, assim, um conjunto de práticas, métodos, sujeitos, objetivos, intencionalidades e, sobretudo, visões de sociedade, educação e fazer pedagógico que lhe é, a um tempo, próprio e específico, mas também comum a outros movimentos sociais (Streck, 2010). A pedagogia sem teto, portanto, fornece importantes contribuições para pensarmos outros projetos de educação e sociedade construídos efetivamente, “com os pés no barro”, em vários lugares do Brasil.⁶ Aqui, tão importante quanto *aquilo que se aprende é o como se aprende*. De nada valeria proclamar a transformação da sociedade, objetivo final da pedagogia sem teto, valendo-se de práticas que, justamente, a reforçam.

⁶ Além do livro aqui resenhado, vê-se outros esforços na direção de compreender as práticas pedagógicas do Setor de Educação do MTST e suas ações em todo o Brasil. Para exemplos recentes de ver: Schultz (2024) para o Rio Grande do Sul, Gomes (2023) para o Rio de Janeiro e Alcântara e Brutscher (2024) para Pernambuco.

Evidencia-se, assim, uma das importantes contribuições dos movimentos sociais, nesse caso do MTST, qual seja: o *educar pela luta*. Como muito bem sintetizou Miguel Arroyo:

Os movimentos sociais têm sido educativos não tanto através da propagação de discursos e lições conscientizadoras, mas pelas formas como tem agregado e mobilizado em torno das lutas pela sobrevivência, pela terra ou pela inserção na cidade. Revelam à teoria e ao fazer pedagógicos a centralidade que tem as lutas pela humanização das condições de vida nos processos de formação. Nos relembram quão determinantes são, no constituir-nos seres humanos, as condições de sobrevivência. A luta pela vida educa por ser o direito mais radical da condição humana. (Arroyo, 2013, p. 32).

Desta forma, consideramos que a noção de “pedagogia sem teto” que perpassa todos os capítulos merece mais reflexão e análise, mas desde já se apresenta como um meio e ferramenta útil para a efetivação de outras formas de fazer e pensar a educação. Em uma frase, poderíamos dizer que a pedagogia sem-teto trata efetivamente da *luta pela educação e do educar pela luta*.

Referências

ALCÂNTARA, Jhonatan; BRUTSCHER, Volmir. Educação Popular e Movimentos Sociais: a experiência do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto – PE. **Revista Cocar**, Belém, n. 30, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/8588>. Acesso em: 1 jul. 2025.

ARROYO, Miguel. Pedagogias em movimento. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 6, n. 1, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19932>. Acesso em: 1 jul. 2025.

BOULOS, Guilherme. **Por que ocupamos?** Uma introdução à luta dos sem-teto. 4. ed. ampl. São Paulo: Autonomia Literária, 2015.

CÁSSIO, Fernando (org.). **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

GOMES, Luiz Gustavo de Oliveira. **Trabalho-Educação, experiência de classe e relações pedagógicas tecidas nos espaços de ocupação do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST)**. 2023. 265f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/30024>. Acesso em: 1 jul. 2025.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. São Paulo: Boitempo, 2019.

SCHULTZ, Ana. **Para que educação?** Análise da construção e implementação do setor de educação no MTST-RS. 2024. Monografia (Licenciatura em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/281122>. Acesso em: 1 jul. 2025.

SILVA, Marco Antonio Morgado da et. al. (org.). **Construindo uma pedagogia sem-teto:** fundamentos e práticas da educação popular no MTST. São Paulo: Fundação Lauro Campos e Marielle Franco, 2024.

SIMÕES, Guilherme; CAMPOS, Marcos; RAFAEL, Rud. **MTST 20 anos de história:** luta, organização e esperança nas periferias do Brasil. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

STRECK, Danilo. Entre emancipação e regulação: (des)encontros entre educação popular e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 44, p. 300–310, maio 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27518764007>. Acesso em: 1 jul. 2025.